

## A pedagogia de Espinosa\*

Adolfo Ravà

Universidade de Pádua, Itália

### Resumo

Este texto apresenta alguns elementos para se pensar a educação na vida e na obra de Espinosa.

**Palavras-chave:** Espinosa (1632-1677), educação; pedagogia.

### Abstract

This paper presents some elements to think about education in Spinoza's life and works.

**Keywords:** Spinoza (1632-1677), education, pedagogy.

---

\* Tradução de Fernando Bonadia de Oliveira, Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Homero Santiago e Kácia Natália de Barros.

O texto original, intitulado “La Pedagogia di Spinoza”, foi publicado em *Settimana Spinozana. Acta Conventus Oecumenici in Memoriam Benedicti de Spinoza diei natalis trecentissimi Hagae Comitatus habiti*, Hagae Comitatus: Martinus Nijhoff, MCMXXXIII, pp. 195-207. *Translated and reprint by permission of the publisher.*

Para a comodidade do leitor não latinista, fornecemos em notas (chamadas por asteriscos) a tradução dos trechos espinosanos originais citados por Ravà no artigo. As traduções utilizadas foram as seguintes: *Tratado político*, trad. de Diogo Pires Aurélio, São Paulo, Martins Fontes, 2009; *Tratado da reforma da inteligência*, trad. de Lívio Teixeira, São Paulo, Martins Fontes, 2004; *Ética*, trad. de Tomaz Tadeu, Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

Entre os grandes filósofos Espinosa talvez seja aquele que se considera mais distante da pedagogia: na exposição de seu sistema não se costuma conferir nenhum lugar às ideias pedagógicas, e as histórias da pedagogia ou as enciclopédias e os dicionários pedagógicos sequer chegam a nomeá-lo. Pelo contrário, sob certos aspectos pode até parecer que a própria concepção filosófica de Espinosa exclui qualquer princípio pedagógico. Ela é de fato entendida por muitos como uma sorte de fatalismo, para o qual o destino de cada homem está assinalado, no qual não seria concebível nenhuma ação sobre o seu desenvolvimento. Algumas típicas expressões espinosanas parecem confirmar tal interpretação do seu pensamento: *Experientia satis superque docet, quod in nostra potestate non magis sit mentem sanam, quam corpus sanum habere. Deinde, quandoquidem unaquaeque res, quantum in se est, suum esse conservare conatur, dubitare nequaquam possumus, quin, si aequae in nostra potestate esset, tam ex rationis praescripto vivere, quam caeca cupiditate duci, omnes ratione ducerentur, et vitam sapienter instituerent, quod minime fit, nam trahit sua quemque voluptas. (Tractatus politicus, II, 6)\*. – Memores esse debemus quod in Dei potestate sumus, sicut lutum in potestate figuli, qui, ex eadem massa alia vasa ad decus, alia ad dedecus facit (Ibidem, II, 22)\*\*.*

E todavia essas expressões e outras similares manifestam apenas um aspecto do pensamento de Espinosa, e não nos devem levar ao engano. Em seu sistema há um lugar, e importantíssimo, para a pedagogia, que o autor não deixou de indicar, mostrando em vários pontos ideias pedagógicas precisas e até mesmo toda uma orientação pedagógica, de tal forma que só a

---

\* “A experiência [...], no entanto, ensina superabundantemente que não está mais em nosso poder possuir mente sã que possuir corpo são. Depois, na medida em que cada um se esforça, tanto quanto está em si, por conservar seu ser, não podemos de forma alguma duvidar de que, se estivesse tanto em nosso poder vivermos segundo os preceitos da razão como conduzidos pelo desejo cego, todos se conduziriam pela razão e organizariam sabiamente a vida, o que não acontece minimamente, pois cada um é arrastado pelo seu prazer”.

\*\* “Devemos lembrar-nos de que estamos em poder de Deus como o barro está em poder do oleiro, o qual da mesma massa faz vasos para usos decorosos e vasos para usos indecorosos”.

brevidade de sua vida cabe atribuir o fato de esse lado de sua filosofia não ter tido um desenvolvimento adequado.

Que as breves notas que se seguem sirvam para dar nesse concernente uma primeira indicação e um mote, na esperança de que outros se sintam motivados a estudar a fundo o magnífico assunto.<sup>1</sup>

**II.** O *Tractatus de intellectus emendatione*, que contém como que o programa da filosofia de Espinosa, começa investigando o que seja o sumo bem, a que o homem deve tender para alcançar a beatitude. Esse sumo bem é o conhecimento da união da mente com a natureza inteira; mas à felicidade de cada um não basta que singularmente alcance tal conhecimento, cumpre buscar que dele participem tantos homens quanto possível. Para esse escopo é preciso portanto constituir um consórcio humano tal como necessário a fim de que o maior número, tão fácil e seguramente quanto possível, chegue àquele grau de conhecimento. Por isso *danda est opera morali philosophiae, ut et doctrinae de puerorum educatione\**. Eis como Espinosa desde o princípio indica claramente ser a pedagogia parte essencial do seu sistema filosófico. Não só; ele traça ao mesmo tempo um programa genuinamente social para ela: a educação dos jovens ao amor e ao conhecimento do verdadeiro é para Espinosa uma das bases da organização da vida coletiva.

Não é deveras concebível que, perante tais declarações explícitas do grande filósofo, possa a pedagogia ter sido considerada por tantos como estranha ao seu sistema. E há bem mais.

O mesmo tratado visa à emenda, medicação, expurgo do intelecto humano, como o autor mesmo se exprime, e indica a via e o método para alcançar isso: *Ante omnia excogitandus est modus medendi intellectus, ipsumque quantum initio lice, expurgandi, ut feliciter res absque errore et*

<sup>1</sup> O artigo latino de W. G. van der Tak, “Περὶ παιδαγωγίας” [Sobre a educação], em *Chronicon Spinozanum*, II, 1922, pp. 174-180, é uma tentativa de estabelecer alguns princípios pedagógicos sobre a base de um espinosismo bastante discutível; parte porém do tácito pressuposto de que Espinosa não teria sequer esboçado uma doutrina pedagógica.

\* “[...] deve-se dar atenção à filosofia moral e também à doutrina da educação das crianças”.

*quam optime intelligat*\*\*. Sem que seja aqui o caso de expor ou retomar o conteúdo dessas linhas, de resto bem conhecido, é toda uma doutrina do conhecimento e do método que é aí desenvolvida na forma de um guia à auto-educação intelectual, e portanto ao mesmo tempo à educação intelectual dos outros. É a doutrina de como se pode e se deve educar a mente para alcançar a verdade.

**III.** Isso que chamamos orientação pedagógica do pensamento de Espinosa mantém-se plenamente na *Ética*.

A segunda parte *De mente* desenvolve, como é noto, a doutrina dos três sucessivos graus do conhecimento (prop. XL, schol. II), para a qual da *cognitio primi generis*, correspondente à *imaginatio*, passa-se à *cognitio secundi generis*, correspondente à *ratio*, e então à *cognitio tertii generis*, ou *scientia intuitiva*. Como se passa de um a outro conhecimento não é especificado, mas evidentemente se trata de uma progressiva elevação da mente, que esta realiza subindo de grau em grau, para encontrar só no grau supremo propriamente a verdade e ao mesmo tempo a si mesma. Ao cabo dessa segunda parte (prop. XLVIII, schol.) Espinosa põe expressamente em relevo o valor que essa sua doutrina tem para educar os homens para a vida social. Na medida em que a razão chega a entender todas as coisas como necessárias, acalmam-se aqueles sentimentos que são contrários à vida em comum: *Confert haec doctrina ad vitam socialem, quatenus docet, neminem odio habere, contemnere, irridere, nemini irasci, invidere. Praeterea quatenus docet, ut unusquisque suis sit contentus...*\*

A esse desenvolvimento do intelecto humano delineado na segunda parte da *Ética*, corresponde um análogo desenvolvimento delineado nas partes terceira e quarta para a vida afetiva. A terceira parte contém a famosa

---

\*\* “Antes de mais nada, é necessário pensar no modo de corrigir a inteligência e de purificá-la o mais possível desde o início, a fim de que possa compreender com mais facilidade as coisas, sem erro, perfeitamente”.

\* “Essa doutrina é útil para a vida social, à medida que ensina a ninguém odiar, desprezar, ridicularizar, invejar, nem com ninguém irritar-se. É útil, ainda, à medida que ensina cada um a se contentar com o que tem...”

teoria das paixões, evidentemente desenvolvida com grande acurácia no escopo de poder estabelecer como se pode agir sobre as paixões mesmas e por meio delas para alcançar os mais elevados escopos da existência.<sup>2</sup> É o que demonstra precisamente a quarta parte, que se conclui com a exposição dos fundamentos da vida social, entendida como o resultado máximo que se pode obter agindo mediante o jogo das paixões, para aproximar-se dos fins racionais da existência humana. Trata-se portanto nessas duas partes de uma espécie de grandiosa pedagogia social em bases psicológicas. De resto, que o ponto de vista pedagógico estivesse presente a Espinosa na elaboração dessa parte do seu sistema, resulta da melhor forma do apêndice à quarta parte, que contém uma espécie de resumo esquemático dos seus princípios morais e que foi provavelmente uma das últimas coisas escritas por Espinosa, como alhures buscamos demonstrar.<sup>3</sup>

Fundamental para o nosso assunto é o capítulo IX desse apêndice, no qual a obra do educador é inteiramente posta na base da vida em comum, desenvolvendo-se assim plenamente aquele caráter social da pedagogia espinosana já delineado no *Tractatus de intellectus emendatione*. O maior obstáculo à concórdia social é constituído, segundo Espinosa, pelas paixões; ao passo que o homem que sabe dominar em si as paixões e viver segundo a razão encontra-se naturalmente em acordo com os outros homens que fazem o mesmo. Nada há portanto de mais excelso e de mais socialmente útil que o homem que se guia pela razão; mas nada é mais difícil e portanto também mais meritório que educar os homens a isso: *Deinde quia inter res singulares nihil novimus quod homine qui ratione ducitur sit praestantius, nulla ergo re magis potest unusquisque ostendere quantum arte et ingenio valeat quam in hominibus ita educandis, ut tandem ex proprio rationis imperio vivant*\*.

<sup>2</sup> É notável que a primeira exposição italiana de tal teoria tenha sido feita por um pedagogo; veja-se Antonio Labriola, *Origine e natura delle passioni secondo l'Etica di Spinoza*, 1865, em *Scritti vari di filosofia e politica*, recolhidos por B. Croce, Bari, 1907, pp. 35-87.

<sup>3</sup> Veja-se Ravà, “Le opere di Spinoza”, em *Rivista di filosofia*, XVIII, 1927, p. 303.

\* “Além disso, como não conhecemos nada, entre as coisas singulares, que seja superior ao homem que se conduz pela razão, em nada pode, cada um, mostrar melhor quanto valem seu engenho e arte do que em educar os homens para que vivam, ao final, sob a autoridade

Também no capítulo XX do mesmo apêndice, em que fala do matrimônio, Espinosa, sob evidente influência dos princípios do direito canônico, põe entre os fins racionais do matrimônio a educação da prole: o matrimônio torna-se, segundo ele, conforme à razão somente quando a paixão é determinada também *ex amore liberos procreandi et sapienter educandi*\*\* , como sempre ensinaram os canonistas e consoante se lê também no vigente *Codex Iuris Canonici* (can. 1013, 1): *Matrimonii finis primarius est procreatio atque educatio prolis* [“O fim primeiro do matrimônio é a procriação e educação da prole”].

Enfim, a quinta parte da *Ética* demonstra, como é noto, através de que via o espírito libera-se da servidão das paixões e alcança a liberdade. Tal via é constituída pelo conhecimento, mas não pelo conhecimento empírico, e sim pela *cognitio tertii generis*; através desta o homem conhece todas as coisas *sub aeternitatis specie*, e alcança aquele *amor Dei intellectualis* que confere ao espírito a *virtus*, pela qual ele não é mais passivo mas ativo. A essa atividade, que nos dá o pleno domínio dos afetos, erguemo-nos pela mente através de uma gradual obra de liberação: é a liberação do homem pela via do conhecimento. *Affectus eo magis in nostra potestate est, et mens ab eo minus patitur, quo nobis est notior* (prop. III, corol.)\*. – *Quatenus mens res omnes ut necessarias intelligit, eatenus maiorem in affectus potentiam habet, seu minus ab iisdem patitur* (prop. VI)\*\*.

**IV.** Espinosa pertence assim àquela categoria de filósofos que creem firmemente poder tornar felizes os homens e poder salvar o mundo por meio de uma doutrina; e trata-se sempre, em tais filósofos, de uma doutrina que não implica só conhecimento teórico, mas capacidade prática, virtude efetiva, disposição a comportar-se de um determinado modo. Semelhantes

---

própria da razão”.

\*\* “pelo amor de procriar filhos e de educá-los sabiamente”.

\* “Um afeto está tanto mais sob nosso poder, e a mente padece tanto menos, por sua causa, quanto mais nós o conhecemos”.

\*\* “À medida que a mente compreende as coisas como necessárias, ela tem um maior poder sobre os seus afetos, ou seja, deles padece menos”.

filosofias, que são ao mesmo tempo artes de viver, floresceram particularmente no período helenístico, e o estoicismo é um dos exemplos maiores; mas também na idade moderna encontramos exemplos típicos em Fichte e em Comte, os quais, embora tão diversos entre si, eram exatamente nesse aspecto próximos.<sup>4</sup> A *Wissenschaftslehre* de um e a *Philosophie positive* do outro representam não só formas de conhecimento, mas pontos de vista elevando-se aos quais os homens adquirem uma especial disposição à virtude e à vida social; e por isso a difusão daquelas doutrinas, segundo os seus autores, está destinada a fazer progredir o gênero humano na via da civilidade e do bem. Tal característica decerto a possui também o *amor Dei intellectualis* de Espinosa, a que se chega pelo terceiro grau do conhecimento.

Ora, todas essas doutrinas, certamente porque destinadas ao bem da humanidade, e porque os seus autores pensam que não há salvação fora delas, implicam a tendência ao proselitismo. Mas ao mesmo tempo tal proselitismo não pode ser levado a cabo com a simples difusão de um livro, mas só através de uma ação pessoal gradualmente regulada, através de uma disciplina especial a que são submetidas as mentes, para provocar a progressiva elevação delas a um grau superior de conhecimento e de disposições. Por isso todas essas doutrinas orientam-se para a pedagogia, e não para aquela forma pedagógica que tende a impor ao discente algo desde fora, mas sim para aquela forma mais profunda de verdadeira educação, que visa somente ajudar o discípulo a tirar de si mesmo aquele que é o núcleo mais nobre de sua natureza e torná-lo ativo e produtivo para o bem de si e dos outros.

Tal característica indiscutivelmente a filosofia de Espinosa possuía, ainda que o seu autor não tenha desenvolvido plenamente esse lado e se tenha limitado aos apontamentos acima recordados, que todavia não podem deixar nenhuma dúvida.

<sup>4</sup> Veja-se Windelband, *Fichte und Comte*.

V. E efetivamente tampouco em sua vida Espinosa foi alheio, como geralmente se pensa, à ativa difusão das suas ideias e ao ensino; só que, sendo mui respeitoso da autoridade pública pelo valor que atribuía à ordem política e ao mesmo tempo consciente da ousada novidade e do caráter heterodoxo das suas ideias, procedeu à difusão delas, como se lê em sua divisa, *caute*.

A sua recusa da cátedra de Heidelberg foi determinada, como está agora estabelecido, por excelentes razões, as quais porém não excluem nem mesmo a sedução que para ele o ensino público teria tido. À parte a preocupação, muito compreensível por sua saúde débil, que o ensino lhe impedisse de levar a termo a elaboração do seu sistema, ele deu-se conta de que não encontraria ambiente favorável. Era por certo seu admirador pessoal o Grande Eleitor Carlos Luís; mas o professor encarregado de convidá-lo fizera-o nos termos mais oportunos... para provocar uma recusa, e à liberdade de ensino que lhe assegurava havia ajuntado uma cláusula, à qual bem sabia Espinosa, e o deu a entender claramente na resposta, não poderia submeter-se. Ele recusou, pois, não porque não desse importância a ensinar e difundir as suas ideias, mas porque ao contrário a oportunidade oferecida não lhe pareceu realmente propícia a tal difusão.<sup>5</sup>

Note-se ainda que, pelo seu conceito de liberdade da ciência, Espinosa não aprovava que as universidades fossem mantidas pelo Estado. O seu sonho era uma espécie de docência livre geral, pela qual cada um pudesse pedir autorização de ensinar e, uma vez obtida, devesse manter o ensino a suas custas e seu risco. Ele chegava até a dizer com dureza: *Academiae, quae sumptibus reipublicae fundantur, non tam ad ingenia colenda, quam ad eadem coërcenda instituuntur\**.

<sup>5</sup> Veja-se o belo e exaustivo artigo de M. Mayer, “Spinozas Berufung and die Hochschule zu Heidelberg”, em *Chronicon Spinozanum*, III, 1923, pp. 20-44; e confrontem-se as duas cartas decisivas em Espinosa, *Opera*, hrsg. v. Gebhardt, vol. IV, pp. 234-236. Mayer justamente nota que quem escreveu as frases que acima transcrevemos (no ponto III) sobre o valor de educar os homens a viver segundo a razão não podia não se sentir atraído pelo ensino universitário.

\* “As universidades, que são fundadas a expensas da república, instituem-se não tanto para cultivar os engenhos como para os coartar”.



Tudo isso, como indicamos, conecta-se à doutrina apresentada no *Tractatus theologico-politicus*, e retomada nas outras obras, pela qual o estado não pode, por sua natureza e no seu próprio interesse, ingerir-se nas pesquisas científicas, nas opiniões filosóficas, na religiosidade interior de seus cidadãos. Por conseguinte toda a atividade científica dos homens deve desenvolver-se ao largo da atividade do estado, uma vez que o seu sumo fim é educar os homens a viver segundo a razão, o que é utilíssimo à vida social. Assim entendeu Espinosa o ensino e o estudo da ciência e da filosofia, mas isso não quer dizer, decerto, que não o tivesse em altíssima conta.

**VI.** Que efetivamente o ensino não fosse algo desagradável ao filósofo, e que pelo contrário ele lhe conhecesse também a arte e a dificuldade, demonstram-no várias outras circunstâncias de sua vida. Pessoa que podia estar bem informada narrou que, após ter-se separado de seus antigos correligionários, Espinosa para viver teve de dar aulas a crianças,<sup>6</sup> e é mais que provável que tenha ajudado seu professor de latim Van den Enden na escola privada que este mantinha em Amsterdã; aí ensinava também a filha do professor, Clara Maria, por quem se diz que Espinosa enamorou-se. É certo ainda que o primeiro trabalho de Espinosa sobre os princípios da filosofia cartesiana originou-se de um curso de aulas dadas a um jovem, que parece agora identificado como Johannes Casarius, durante a permanência de Espinosa em Rijnsburg, e uma carta de Espinosa a um amigo contém interessantes observações sobre os defeitos de caráter desse jovem e sobre as razões pelas quais ele crê oportuno comunicar-lhe só de forma cautelosa e indireta as suas ideias.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> A informação provém do jovem Rieuwertsz, filho do editor de Espinosa, que teria dito a Stolle: *Sobald er von den Juden ausgegangen, hätte er, um sein Brot zu verdienen, Kinder informiert* [“Assim que deixou os judeus, para ganhar seu pão, ele passou a ensinar crianças”]. Ver também para o que se segue: Meinsma, *Spinoza und sein Kreis*, trad. alemã, Berlim, 1909, p. 216 e seg.

<sup>7</sup> Veja-se W. Meijer, “De Joanne Casario”, em *Chronicon Spinozanum*, III, 1923, p. 232 e seg.; e cf. as *Epistolae* VIII e IX.

O mais importante porém é que, quando o sistema de Espinosa estava mais maduro, constituiu-se em Amsterdã o *Collegium Spinozum*, que era um pequeno grupo de seus adeptos e discípulos, os quais se reuniam periodicamente para comentar e discutir os trechos da *Ética* que Espinosa transmitia-lhes à medida que os ia elaborando, recebendo depois as respectivas observações. Essas reuniões eram em verdade algo mais que uma escola, ou seja, eram encontros de uma comunidade composta por fiéis de uma doutrina quase religiosa; e deixaram em cada participante um tal sentimento de devoção ao mestre que todos foram por muito tempo afeiçoados a ele, um inclusive lhe beneficiou generosamente em seu testamento e a eles se deve a publicação das *Opera posthuma*, sem as quais o pensamento de Espinosa não teria passado à posteridade.<sup>8</sup>

**VII.** A essa paixão pelo ensino e à importância que o sistema dá à educação para a preparação da vida social, devia naturalmente corresponder também um complexo de ideias sobre as matérias de estudo que melhor pudessem contribuir a formar a cultura, sobre o modo de distribuí-las num plano didático e os métodos para ensiná-las. De nada disso evidentemente temos a elaboração completa, mas não faltam indicações particularmente interessantes, e podemos também fazer algumas induções seguras.

Nenhuma dúvida sobre a importância atribuída por Espinosa ao estudo das línguas clássicas. Ao estudo do latim ele devia o fato de ter-se liberado das estreitas peias intelectuais da maior parte dos seus antigos correligionários da comunidade portuguesa de Amsterdã e de ver aberto a si o amplo campo da cultura humanística; e mais de uma vez lamentou-se por não conhecer tão bem o grego. Ele não deixou porém de continuar sempre a atribuir uma notável importância também ao conhecimento do hebraico, indispensável para pôr em novas bases críticas o estudo da bíblia. Mas não menor importância atribuiu certamente Espinosa, com espírito

<sup>8</sup> O funcionamento do *Collegium Spinozanum* é descrito na Epíst. VIII. Veja-se também o prefácio às *Opera posthuma*.

genuinamente moderno, às matemáticas e às ciências da natureza. Não só as suas obras, como também e principalmente a sua correspondência, mostram com quanta paixão estudou essas disciplinas, e também qual valor atribuía a elas na formação espiritual do homem culto de seu tempo. Mas o ponto de suas ideias sobre a cultura que constitui em grande parte uma novidade para a época é o grande valor por ele atribuído aos estudos históricos, entendidos não tanto como reconstrução do mundo antigo, quanto como campo de preciosas experiências sociais, a serem usadas para a vida política do seu tempo. Nisso o mestre lhe foi sem dúvida Maquiavel; e amiúde ele usa a expressão *historiarum lectio*, que traduz *la lezione delle istorie* de que frequentemente fala o *acutissimus florentinus*, como ele o chama.<sup>9</sup>

**VIII.** No campo mais estritamente didático, Espinosa se interessou de modo particular pelo estudo das línguas, e especialmente das línguas mortas, seguindo nisso em parte os critérios do seu professor Van den Enden, em parte ajuntando interessantes pontos de vista próprios.

A razão principal do sucesso que teve aquele estranho tipo de médico filósofo politicante que foi Francisco van den Enden com a escola de latim por ele aberta em Amsterdã estava no método que ele usava no ensino. Em vez de encher a cabeça dos jovens de regras gramaticais, como faziam os professores do tempo e como de resto ainda se faz, buscava instruí-los com exemplos vivos de língua falada, e ensinava-lhes antes de tudo a exprimir-se em latim oral e escrito, mas sobretudo oralmente, sem traduzir de outra língua, ou seja, usando aquele método que hoje se diz direto, e que ainda se aplica pouco e só para as línguas vivas. Van den Enden tratava o latim em tudo como uma língua viva, e por isso mesmo seu método precisava de colaboradores no ensino, e se valeu provavelmente também do trabalho de Espinosa. Ademais, para habituar os alunos particularmente a falar latim, fazia-lhes recitar comédias antigas e também novas comédias por ele

<sup>9</sup> Confira-se o meu trabalho sobre “Spinoza e Machiavelli”, em *Studii filosofico-giuridici dedicati a Giorgio Del Vecchio*, Modena, 1931.

compostas em latim; e os ensaios dos alunos consistiam amiúde em representações públicas de tais comédias, representações cuja memória nos foi conservada, até por certo escândalo que suscitaram junto à autoridade eclesiástica. Esse método para vivificar o estudo do latim foi certamente muito apreciado por Espinosa, em cujas obras surgem com bastante frequência citações dos cômicos romanos; e ele buscou aplicá-lo também ao estudo da língua hebraica, que se fazia então, como era feito ainda até há pouco, de modo particularmente apto a desgostar os discentes. Não foi essa a última razão para que Espinosa se pusesse a escrever a sua gramática hebraica, a qual é sem dúvida o resultado de experiências pessoais de ensino, e distancia-se claramente pelo método daquelas comuns do seu tempo. Nela ele afirma expressamente a necessidade de acostumar os jovens alunos desde o princípio a falar aquela língua.

Mas a principal novidade dessa gramática está num outro conceito nela presente, e que tem simultaneamente valor doutrinal e didático, isto é, o conceito da eliminação das exceções. Espinosa foi, se não nos enganamos, o primeiro a intuir o princípio da moderna glotologia da fixidez das leis fonéticas (*Ausnahmlosigkeit der Sprachgesetze*). Educado no conceito galilaico das leis naturais, promotor do determinismo e da unidade e harmonia de todos os aspectos da natureza, era para ele o cúmulo da incongruência que as leis gramaticais e fonéticas devessem sofrer aquelas contínuas exceções, que constituem também um dos mais atrozes tormentos para quem deve estudar as línguas. Tentou portanto empregar na sua gramática o conceito do caráter absoluto de todas as regras que expõe, pensando realizar com isso um princípio racional não menos que uma exigência didática de primeiríssima ordem. Toca aos competentes julgar até que ponto a tentativa, então ousada e prematura, pode considerar-se bem-sucedida. Limitamo-nos aqui a registrá-la como manifestação do acordo que

Espinosa concebia entre os progressos racionais da ciência teórica e a simplificação da arte didática.<sup>10</sup>

**IX.** De quanto expusemos, e que poderia ser ulteriormente desenvolvido, parece-nos resultar à suficiência como o pensamento de Espinosa não foi estranho aos problemas da pedagogia nem da didática. Não só existe em sua filosofia o que chamamos uma orientação pedagógica; como se pode dizer ainda que ela logra a sua verdadeira significação somente pela possibilidade de ser ensinada e difundida, e pela esperança, ou melhor, pela confiança que mediante a sua difusão se obtenha uma melhora geral da humanidade, uma maior adaptação de cada um à vida coletiva, um progresso rumo à fraternidade e à paz entre os homens. De tudo isso o autor do sistema tinha certamente plena consciência, ainda que não tenha elaborado propositalmente as suas doutrinas pedagógicas, limitando-se a breves observações e indicações, não obstante plenamente significativas.

Mas uma vez identificado esse aspecto pedagógico do pensamento espinosano, surge o problema bastante grave de como ele se concilia com outros aspectos e posições bem diversos, que parecem prevalentes no mesmo sistema. O domínio da razão sobre as paixões, a que Espinosa busca educar os homens, guiando-os numa via que ele mesmo declara extremamente árdua, mas que *inveniri tamen potest*<sup>\*</sup>, pressupõe uma força impulsiva originária da psique que o educador é chamado somente a incitar e a redespertar. Essa força, que se identifica com o espírito científico e filosófico, deve ter a possibilidade de a certo ponto vencer o mecanismo das paixões e dominá-lo. Em tal energia originária da alma humana, pela qual ela pode conseguir tornar-se ativa e não mais passiva, e conquistar com isso a verdadeira liberdade, Espinosa tem uma vivíssima fé, que sustenta toda a sua doutrina ética. Mas essa fé envolve um elemento indeterminístico, que aparece em contraste com a orientação geral determinista do sistema.

<sup>10</sup> Veja-se para toda essa parte o estudo de N. Porges, “Spinozas Compendium der hebräischen Grammatik”, em *Chronicon Spinozanum*, IV, 1926, pp. 123-159.

\* “pode todavia ser encontrada”.

É sim verdade que a liberdade, segundo Espinosa, consiste precisamente em reconhecer a férrea necessidade do universo e a inserir-se conscientemente nela, contemplando as coisas *sub aeternitatis specie*; mas esse modo de contemplação, que torna o homem verdadeiramente livre, não pode nascer do mecanismo das paixões, mas só de uma capacidade do espírito de escapar delas e dominá-las, uma capacidade originária e indeterminada.

Esse elemento indeterminístico, contido no sistema de Espinosa, não fugiu inteiramente a alguns de seus mais acurados intérpretes. Assim Leroux num breve e agudo estudo observou que, embora visando o sistema a um determinismo universal, há nele uma espécie de *indeterminismo latente*, através do qual se revela uma tendência profunda do espírito de Espinosa, como que inconsciente, contrária à direção por ele intencionalmente impressa ao sistema, tendência que abriria a porta ao livre arbítrio.<sup>11</sup> E alguns apontamentos no mesmo sentido havia feito anteriormente Martineau.<sup>12</sup> Com maior exatidão Martinetti estudou o conceito de liberdade em Espinosa, observando que se falseia o sistema espinosano interpretando-o como um puro determinismo ou como uma espécie de fatalismo naturalista, o que ocorre muito frequentemente: parte essencial desse sistema é a doutrina da ação liberadora do conhecimento, pela qual o homem, através da inteligência, estende o domínio do seu espírito e a esfera da sua liberdade, adquirindo consciência da racionalidade das coisas, na qual a sua vontade identifica-se e aquieta-se. Essa doutrina, derivada da especulação estoica e neoplatônica, passou depois, através de Leibniz, a Kant.<sup>13</sup>

Não é portanto a primeira vez que se notam elementos indeterminísticos na filosofia de Espinosa; mas a consideração das suas ideias pedagógicas leva esses elementos à luz de maneira nova e que nos

<sup>11</sup> Leroux, “L’indéterminisme latent de Spinoza” (comunicação ao Congresso internacional de filosofia de Nápoles), em *Revue philosophique*, XLIX, 1924, pp. 301-308.

<sup>12</sup> Martineau, *A study of Spinoza*, Londres, 1895, p. 230.

<sup>13</sup> Martinetti, “La dottrina della libertà in B. Spinoza”, em *Chronicon Spinozanum*, IV, 1926, pp. 58-67; idem, *La libertà*, Milão, 1928, pp. 271-282.

parece doravante indiscutível. A doutrina pela qual os homens podem, através de difíceis esforços, educar-se a assenhorear as paixões, e segundo a qual a arte mais árdua e mais meritória é a de educar os outros para esse domínio da razão, é uma doutrina absolutamente inconciliável com uma interpretação puramente determinista do espinosismo, implicando o reconhecimento de um poder de espontaneidade e de autodeterminação do espírito humano.

**X.** Haverá então no interior do sistema mesmo de Espinosa uma contradição insanável? Dizer, como faz Leroux, que o indeterminismo é um elemento latente do sistema, contrário a ele, e em que se revelam como que resistências inconscientes à tese que Espinosa deliberadamente sustentou, parece-nos excessivo perante uma filosofia tão meditada e orgânica. Mas tampouco se pode dizer que esse elemento consegue subordinar a si totalmente a concepção determinista, como parece levar a sustentar a interpretação de Martinetti, que chega a pôr Espinosa entre Plotino e Kant. Estamos na realidade perante um ponto obscuro, em que se esconde uma incongruência comum a todos os sistemas deterministas que quiseram construir uma ética e uma pedagogia. O sistema de Espinosa, com sua vigorosa afirmação da potência que a razão possui de dominar as paixões, e da possibilidade de desenvolver com a educação esse poder, representa, juntamente com o dos estoicos, o máximo esforço para vencer os limites da concepção determinista do universo, sem abandoná-la. Mas sem abandoná-la não se consegue isso, pois os elementos indeterminísticos que sublinhamos são no fundo inconciliáveis com aquela concepção, e impõem superá-la. Se o seguro reconhecimento da necessidade universal dá ao homem a liberdade e o domínio das paixões, e se se pode esperar educar os homens para essa concepção, a própria concepção é um produto originário do espírito humano, o qual portanto dita tal lei às coisas e não a padece.

Foi dito eficazmente, a propósito das dificuldades de entender o sistema kantiano, que o pleno entendimento dele impele a abandoná-lo e

superá-lo: *Kant verstehen heisst ihn hinausgehen* [“Entender Kant significa abandoná-lo”].<sup>14</sup> O mesmo no fundo se pode dizer do sistema de Espinosa. O pleno entendimento de todos os seus lados, inclusive aqueles até aqui menos salientados, como certamente o lado pedagógico, revela-nos contradições que são insuperáveis enquanto permanecermos na órbita do próprio sistema, e impelem portanto a abandoná-lo para passar a uma concepção que, embora conservando-o em grande conta, possa superá-lo.

Se portanto também o estudo da pedagogia de Espinosa não pode, por sua incompletude, conduzir a resultados de primeira ordem para o progresso das doutrinas pedagógicas, o seu valor demonstra-se assaz relevante pelo contributo que traz ao entendimento bem como à crítica daquele grande sistema filosófico.

<sup>14</sup> Windelband, *Präludien*, prefácio.